

debate

NÚMERO CADA VEZ MAIOR DE ESTUDOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS É SINÔNIMO DE EVOLUÇÃO NA PESQUISA?

Quantidade x qualidade

Em entrevista concedida no ano passado, John Ioannidis, professor de Medicina da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, provocou alguma polêmica ao afirmar que a maioria dos estudos científicos publicados, até mesmo em revistas sérias, é fraca. Ele diz que muitas pesquisas utilizam amostras pequenas demais para alcançar conclusões generalizáveis e que tais estudos continuam sendo publicados em consequência da pressão sobre os pesquisadores, da concorrência entre as revistas e do apetite dos meios de comunicação por trabalhos que anunciem “revoluções” ou grandes descobertas.

No Brasil, a opinião dos especialistas ouvidos pela REDE CÂNCER não é tão veemente, até porque, com o número cada vez maior de estudos publicados, fica mais difícil avaliar toda essa produção. Andreia Melo, chefe da Divisão de Pesquisa Clínica e Desenvolvimento Tecnológico do INCA, diz concordar parcialmente com Ioannidis. “Para um ensaio clínico ser publicado em uma revista de alto impacto, precisa ser inovador e, de certa forma, gerar alguma hipótese ou mudar uma conduta”, observa. “Ter um estudo com um resultado no qual você pode confiar é sempre o mais desejado. Mas diante

do cenário mundial atual, com a concorrência entre as revistas e a dificuldade de publicar em um veículo de alto impacto, esse tipo de situação pode acontecer. São inúmeros os periódicos não indexados às grandes bases de dados, com baixo ou nenhum fator de impacto, com uma revisão precária do conteúdo a ser publicado e que cobram altos valores para publicação”, acrescenta.

Para ela, é preciso atenção ao tipo de publicação que divulga o estudo. Mas ressalta que, para as revistas de maior credibilidade e impacto na comunidade científica, o trabalho deve estar registrado em alguma plataforma on-line, como



a ClinicalTrials.gov, uma iniciativa do Instituto Nacional de Saúde (NHI, na sigla em inglês), dos Estados Unidos.

O próprio Ionnadis comenta que algumas revistas exigem dos autores a divulgação dos dados brutos e a publicação prévia de seu protocolo, uma medida de transparência para evitar alterações de métodos.

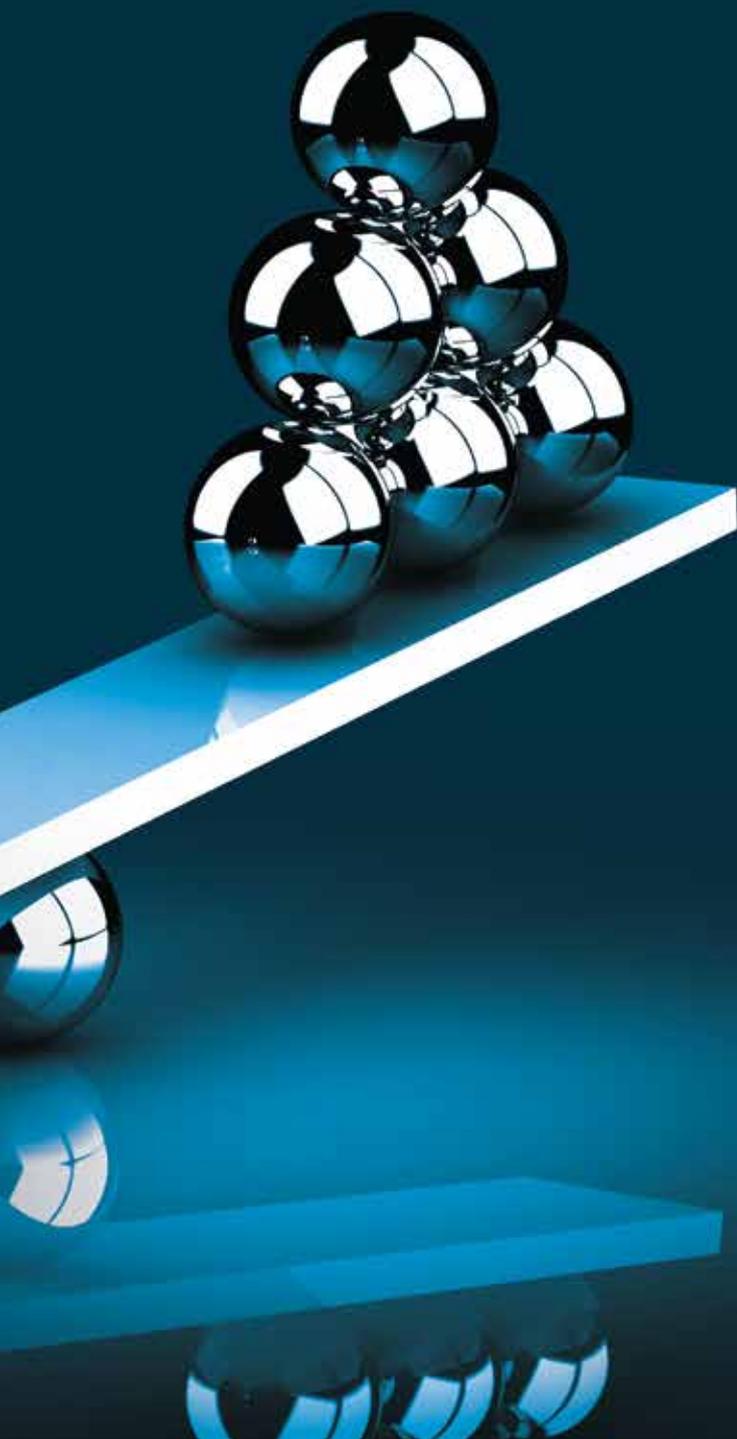
Rui Seabra Ferreira Jr., pesquisador e presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (Abec), lembra que a preocupação do professor de Stanford tem mais de uma década: “John Ionnadis é um estudioso das métricas científicas. Ele já vem há algum tempo avisando

sobre como a ciência tem caminhado para uma direção equivocada, como pode ser visto em seu artigo divulgado, em agosto de 2005, na prestigiada revista *Plos Medicine*. Naquele texto, Ionnadis apresenta uma preocupação crescente de que as descobertas publicadas mais recentemente sejam falsas, apontando problemas para a condução dos estudos e interpretação das pesquisas, ou seja, de seus resultados”.

Luiz Henrique Araújo, oncologista e pesquisador do INCA e do grupo Americas Oncology, atual presidente da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica – regional Rio de Janeiro (Sboc-RJ), discorda de Ionnadis quanto à qualidade dos estudos publicados. “Acho que os pesquisadores, em sua maioria, são pessoas extremamente sérias e muito dedicadas. São eles que, de fato,

“Esse mercado bilionário [de periódicos científicos] fez aparecer algumas revistas chamadas ‘predatórias’, que prometem uma rápida publicação. Elas realmente publicam pesquisas de baixa qualidade e resultados questionáveis, muitas vezes porque o processo de revisão por pares, o que ainda nos é garantia de qualidade, não foi realizado adequadamente”

RUI SEABRA FERREIRA JR., pesquisador e presidente da Abec



O que caracteriza um estudo confiável?



fazem as transformações que nós temos hoje em nosso dia a dia. Todas elas advêm de pesquisa e desenvolvimento em diferentes setores, seja no acadêmico, no governamental e no privado também”, defende.

Segundo Araújo, é interesse do investigador que seu estudo seja publicado em uma revista prestigiada. “O grande pesquisador tem dois sonhos: transformar o meio em que vive, com uma descoberta que seja utilizada pelas pessoas, e alcançar o próprio desenvolvimento profissional. É óbvio que se ele publica mais artigos, sobretudo em revistas importantes, isso impacta positivamente em sua carreira”, constata.

Gilberto de Castro Jr., médico assistente do Serviço de Oncologia Clínica do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp) e oncologista do Hospital Sírio-Libanês (HSL), ressalta a relevância das pesquisas realizadas no País: “O Brasil tem uma participação importante em estudos clínicos internacionais, especialmente em câncer”.

“A quantidade de periódicos sobre os mais diversos assuntos na área da ciência é cada dia maior. Com isso, também cresce o número de artigos publicados, tanto na pesquisa básica como na clínica e translacional. Para uma pessoa acompanhar toda essa literatura é impossível. Quanto maior o fator de impacto da revista, muito maior será o crivo de revisão”

ANDREIA MELO, chefe da Divisão de Pesquisa Clínica e Desenvolvimento Tecnológico do INCA

AMOSTRAGEM REPRESENTATIVA

Os pesquisadores brasileiros consultados pela REDE CÂNCER discordam do professor de Stanford na questão da amostragem, pois consideram que, apesar de sua relevância, nem sempre é o principal item de uma investigação. “A causa amostral é parte fundamental do estudo, mas outras características são importantes, como os objetivos dele e os critérios de inclusão e exclusão”, afirma Andreia Melo, para quem, em casos de doenças raras, poucas vezes é possível fazer uma pesquisa com um grande número de pacientes. De acordo com a pesquisadora, em trabalhos envolvendo tumores de baixa incidência na população, a melhor evidência científica vem de estudos de fase 2, com um número limitado de pacientes.

“A pesquisa vai desde as fases de descoberta até as de validação e implementação. Isso não quer dizer que uma seja mais importante que a outra”, acrescenta Araújo.

Para Castro Jr., “o mais importante é o desenho do estudo, que inclui não só o número de participantes, mas uma série de características do ponto de vista estatístico, para poder dizer se a conclusão a que chegamos é verdadeira ou não”.

“O número de participantes nos estudos sempre traz alguns pontos relevantes para refletirmos. Há todas as questões de ética e, no caso de animais, também de bem-estar, aliadas aos custos de uma pesquisa com maior número de participantes. Assim, os pesquisadores se valem de análises estatísticas para ajudar a validar as suas hipóteses. Logicamente, muitas dessas pesquisas são realizadas em ambientes e situações controlados e, quando levadas a campo ou ao ‘mundo real’, não se reproduzem. Mas a pesquisa controlada é indispensável para compreendermos diversos fatores e minimizarmos os vieses”, opina Seabra.

COMPETIÇÃO E MERCADO

Luiz Henrique Araújo, no entanto, concorda com Ioannidis no que diz respeito ao “apetite” por grandes descobertas, que, segundo o médico, alimentam mudanças. E reconhece que algumas publicações querem “revoluções”.

Ele diz que as revistas desejam estudos positivos porque uma pesquisa com milhares de pacientes pode ter um resultado negativo, o que “não é atraente, não vende”. “A própria revista quer publicar coisas positivas e bombásticas, porque isso vai atrair mais leitores e fazer com que alcance maior repercussão em outros meios de comunicação.

“O mais importante é o desenho do estudo, que inclui não só o número de participantes, mas uma série de características do ponto de vista estatístico, para poder dizer se aquela conclusão a que chegamos é verdadeira ou não”

GILBERTO DE CASTRO JR., médico assistente do Icesp e oncologista do HSL

Embora sejam de um segmento específico, as publicações científicas têm interesses comerciais como qualquer veículo”, observa.

Ao mesmo tempo, ele destaca que as revistas mais sérias, como *Science* e *Nature*, têm editores altamente renomados. Os estudos publicados em tais periódicos frequentemente são acompanhados por um editorial o menos enviesado possível, para tentar apresentar uma leitura imparcial do tema.

“A pesquisa, a produção científica, está cada vez mais competitiva. A quantidade de periódicos sobre os mais diversos assuntos na área da ciência é cada dia maior. Com isso, também cresce o número de artigos publicados, tanto na pesquisa básica como na clínica e translacional. Para uma pessoa acompanhar toda essa literatura é impossível. Quanto maior o fator de impacto da revista, muito maior será o crivo de revisão”, concorda Andreia Melo.

“Todos temos conhecimento do grande negócio que se apresenta em volta da publicação de livros e revistas científicas mundialmente”, afirma Rui Seabra. “Esse mercado bilionário fez aparecer algumas revistas chamadas ‘predatórias’, que prometem uma rápida publicação. Elas realmente publicam pesquisas de baixa qualidade e resultados questionáveis, muitas vezes porque o processo de revisão por pares, o que ainda nos é garantia de qualidade, não foi realizado adequadamente. Normalmente, quem procura essas revistas são pesquisadores experientes, que se veem muitas vezes pressionados pela necessidade de publicar”, completa.

Para Seabra, é preciso “mudar radicalmente nosso sistema de avaliação, que atualmente é baseado em números e índices. Falando “como pesquisador, e não presidente da Abec”, ele deixa uma sugestão para seus colegas: “Cada um, em seus relatórios, poderia apontar quais as 10 produções mais relevantes que produziu naquele período. Assim, teria a chance de evidenciar a real significância da ciência por ele produzida”.

DIÁLOGO ABERTO COM O PACIENTE

A conversa com o médico é sempre uma maneira de filtrar as pesquisas que, atualmente, são divulgadas em diversos meios e podem chegar de maneira não adequada ao paciente. Para ele, Andreia Melo orienta a consulta a ferramentas on-line, como a já citada ClinicalTrials.gov, para ter acesso a estudos recentes e como forma de esclarecer dúvidas.

A importância da interação com o especialista é frisada por Castro Jr.: “É preciso perguntar a opinião do médico. Afinal, a maioria dos pacientes não tem formação que permita dizer se o tratamento A é melhor que o tratamento B”. ■

“A própria revista quer publicar coisas positivas e bombásticas, porque isso vai atrair mais leitores e fazer com que alcance maior repercussão em outros meios de comunicação. Embora sejam de um segmento específico, as publicações científicas têm interesses comerciais como qualquer veículo”

LUIZ HENRIQUE ARAÚJO, oncologista, pesquisador do INCA e atual presidente da Sbec-RJ